



GASTÃO VIEIRA

1886-1950

Habib Fraiha Neto

Membro titular da Academia de Medicina do Pará

Médico, professor, poeta, escritor e jornalista, legista, artista plástico.

Nasceu em Belém no dia 2 de fevereiro de 1886, segundo filho de Francisco de Castro Vieira, oficial da Marinha Mercante, e Maria Joventina Vieira, ilustre professora primária, proprietária do Instituto Vieira, onde nosso confrade e primeiro Presidente da Academia de Medicina do Pará, Professor Clóvis Olintho de Bastos Meira, estudou as primeiras letras e a quem devemos a fonte dos dados biográficos deste notabilíssimo docente de Clínica Médica de nossa Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará (MEIRA, 1986, p. 225-229).

Foi batizado na igreja da Santíssima Trindade, onde recebeu o prenome de Gaston, provavelmente em decorrência da importância de então do Príncipe Gaston d'Orleans, genro do Imperador Dom Pedro II, casado com a Princesa Isabel. Segundo o nosso também ex-Presidente, acadêmico Alberto Gomes Ferreira Junior, o Príncipe Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston d'Orleans (Conde d'Eu), foi um valoroso militar francês que no final da Guerra do Paraguai, na condição de Marechal do Exército, chefiou as tropas do Brasil, Argentina e Uruguai que culminaram com a vitória brasileira. Teve também uma contribuição decisiva na abolição da escravatura no Paraguai, ao sugerir esta decisão à Junta Governativa que assumiu o controle daquele país após a queda do ditador Solano Lopez em 1870 (comunicação pessoal). Eis um breve resumo sobre quem porventura poderá ter sido a fonte de inspiração na escolha do nome de nosso biografado por seu genitor.

Tivemos o ensejo de consultar o segundo volume do periódico científico *Pará-Médico*, contendo os cinco números consecutivos publicados de janeiro de 1918 a setembro de 1922 pela Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, raro e precioso exemplar de propriedade de nosso confrade Carlos David Araújo Bichara, que no-lo confiou para consulta. Constatamos onze citações do nome de nosso homenageado, grafado como Gaston Vieira. Não conseguimos elucidar até quando prevaleceu essa

grafia do prenome. A propósito, seu biógrafo Clóvis Meira se limita a esclarecer, à página 226, que Gaston corresponde à grafia original “e que mais tarde seria Gastão”. Sem maiores explicações.

Gaston foi aluno do tradicional Lyceu Paraense, precursor do atual Colégio Estadual Paes de Carvalho. Em 1903, aos 17 anos de idade, viajou para o Rio de Janeiro a fim de estudar Medicina.

Graduou-se em 1908, na famosa “Turma da Amizade”, integrada por 130 jovens médicos provenientes de diversas regiões do Brasil, turma de que fizeram parte Gaspar Vianna, Orlando Lima, Sulpício Ausier Bentes, Pedro Cunha, Nicolau Martins e três outros paraenses.

Em 1909 apresentou sua Tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a fim de obter o grau de Doutor. Aprovado, regressou a Belém, onde passou a exercer a Medicina Clínica e a desempenhar diversas funções públicas.

Nos números do *Pará-Médico* que tivemos oportunidade de consultar, pudemos observar sua atuação no período, incluindo a publicação em 1919 de um artigo sobre a *Therapeutica dos vícios valvulares*, tema de cardiologia abordando a conduta médica de então ante os transtornos clínicos decorrentes.

Mais adiante vamos vê-lo citado como membro do Serviço Médico-Legal, ele o responsável pela verificação de óbitos. Pouco tempo depois assumiria a Direção do Instituto Renato Chaves.



Fotografia do Corpo Médico dos Serviços Médico-Legal, de Identificação e Assistência Pública do Pará, em 1922. Sentados: o Diretor, Dr. Renato Chaves, à esquerda; e à direita o Dr. Otto Santos. De pé, da esquerda para a direita, os Drs. Gaston Vieira, Carlos Bezerra e Oscar de Carvalho. (Pará-Médico, n.10, 1922, p.279).

No Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará exerceu a função de Adjunto da Maternidade, depois a de Chefe de Clínica, desempenhando papel importante nas atividades assistenciais daquele Hospital de Caridade.



Fotografia do Corpo Clínico efetivo do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1922. Sentados, ao centro, o Coronel Ignacio Nogueira, Provedor, e o Senador Dr. Cypriano Santos, Diretor do Hospital; e da esquerda para a direita, os Drs. Appio Medrado, Aleixo Simões, Orlando Lima, Cruz Moreira, Penna de Carvalho, João Henriques e Ferreira Bastos. De pé, da esquerda para a direita, os Drs. Dagoberto Souza, Albino Cordeiro, Acatauassú Nunes Filho, Pedro Miranda, Augusto Pinto, Ophir de Loyola, Gaston Vieira, Remígio Filgueiras, Carlos Ornstein, Auzier Bentes, Oswaldo Barbosa, Prisco dos Santos e Jayme Rosado. (Pará-Médico, n.10, 1922, p.313).

Mais adiante vem referido como um dos médicos adjuntos do Dr. Orlando Lima, membro efetivo da Clínica Obstétrica do mesmo hospital.

Em junho de 1922 tornou-se docente da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, recém-criada em 1919, na condição de Professor Substituto da Cadeira de Anatomia Descritiva (MIRANDA & ABREU JR., 2010, p.155).



Fotografia do Corpo Docente em exercício da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará em 1922. Sentados, ao centro, Dr. Camillo Salgado, Diretor, ladeado à direita pelos professores Américo Campos, Amanajás Filho e Prisco dos Santos; e, à esquerda pelos professores Mário Chermont, Antonio Marçal, Remígio Filgueiras e Acatuassú Nunes Filho. De pé, da esquerda para a direita, os professores Rodrigues de Souza, Gaston Vieira, Acylino de Leão, Dagoberto Souza e Ophir de Loyola (Pará-Médico, n.10, 1922, p.363).

Clóvis Meira foi seu aluno na segunda metade da década de 1930. Eis como o descreve em sua obra *Médicos de outrora no Pará*: “Gostava de vestir bem, apreciava uma gravatinha-borboleta e um terno padrão príncipe-de-Galles, à moda inglesa. Suas aulas eram eruditas, de esmerada linguagem, muito precisas na descrição dos quadros clínicos”.

Com a morte de Azevedo Ribeiro e de Ophir de Loyola, vagaram em 1934, respectivamente as Cátedras de Clínica Médica (2ª Cadeira) e de Clínica Pediátrica. A Congregação da Faculdade prontamente transferiu os professores substitutos Gastão Vieira (da Anatomia Descritiva) e Hilário Gurjão (da Parasitologia) para as Cátedras vagas (MIRANDA & ABREU JR., p. 158). Gastão Vieira era assim, temporariamente, elevado à condição de Catedrático, à época de Acylino de Leão e Arthur França, com eles compondo um grupo de lentes de elevada estirpe e enorme influência na qualidade da formação de gerações de médicos em nosso Estado.

No ano de 1936, a 17 de agosto, Gastão Vieira assumiria definitivamente a Cátedra de Clínica Médica (2ª Cadeira) (MIRANDA & ABREU JR., p.162 e 174).

Foi Chefe de Clínica no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, após ter sido Adjunto da Maternidade.

Foi membro atuante da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará.

Jornalista de assídua contribuição, principalmente ao jornal diário Folha do Norte, escrevia sobre temas diversos, inclusive sobre linguagem, quase sempre sob o pseudônimo de Rivato.

Foi Diretor da Imprensa Oficial do Território Federal do Amapá no biênio 1947/48 e Diretor do jornal Amapá, editado na capital, onde granjeou grande respeito e amizades, merecendo quando de seu falecimento a 15 de outubro de 1950 a celebração de exéquias na Catedral de Macapá, mandadas rezar por ex-companheiros de trabalho e pelo Governo do Território.

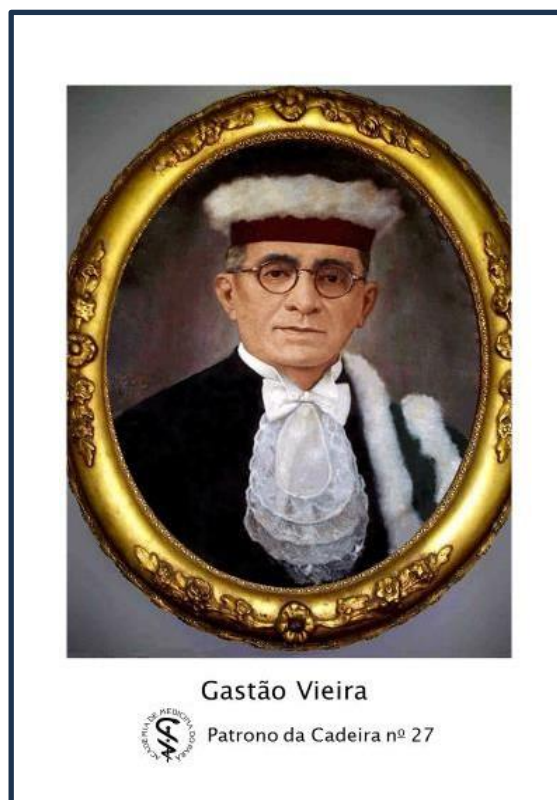
Tudo indica que ensinou até falecer, pois seu nome aparece como docente ativo da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará até esse ano de 1950 (ABREU JR., comunicação pessoal).

Alma de poeta, até sonetos compunha. Sabia de cor os versos de Olavo Bilac e outros vates. Amava recitá-los em público, como inúmeras vezes o fez enquanto estudante de Medicina, no famoso Café Lamas, restaurante no Largo do Machado, no Rio de Janeiro. “Era um poeta, vivia e sonhava como poeta”, escreveu Clóvis Meira. “Culto, generoso, sensível e sonhador”.

Fotógrafo amador, participou de Salões de arte oficiais, como no de 1936 na Exposição do Estado do Pará promovida pela Sociedade de Instrução Artística Brasileira. O tema de sua predileção era o crepúsculo vespertino.

Exímio jogador de bilhar, era considerado um dos maiores e competentes bilharistas de Belém, cuja teoria o credenciava entre os melhores juízes desse esporte em todo o Brasil. Possuía magnífica biblioteca sobre o tema.

Como não podia deixar de ser, foi ele lembrado para Patrono de uma das Cadeiras de nosso silogeu, a de número 27, cujo primeiro ocupante é ainda hoje o acadêmico Dr. Antonio Maria Silva Conceição. Na verdade é injusto demais vê-lo relegado ao esquecimento de seus conterrâneos como tem sido. Na verdade, um dos expoentes do ensino médico no Pará.



A talentosa pintora paraense Antonieta Santos Feio (1897-1980), especializada na arte do retrato pela Escola de Belas Artes de Florença, na Itália, é a autora do retrato a óleo sobre tela do grande mestre da Clínica Médica, que ilustra este ensaio biográfico. A obra faz parte do valioso acervo da Pinacoteca do Salão Nobre de nossa antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia, hoje sob a guarda zelosa do Museu da Universidade Federal do Pará.

Referências

- MEIRA, Clóvis Olintho de Bastos. Médicos de outrora no Pará. Belém: Grafisa, 1986. [p.225-229].
- MIRANDA, Aristóteles Guilliod de; ABREU JR., José Maria de Castro. Memória Histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, 1919-1950; da fundação à federalização. Belém, 2009. [514 p.]
- PARÁ-Médico. Belém, n.6, p.1-48, jan. 1918.
- PARÁ-Médico. Belém, n.7, p.49-106, maio, 1919.
- PARÁ-Médico. Belém, n.8, p.107-154, nov. 1919.
- PARÁ-Médico. Belém, n.9, p.155-202, fev. 1920.
- PARÁ-Médico. Belém, n.10, p.203-396, set. 1922.